10º FEPEG FÓRUM ENSINO · PESQUISA EXTENSÃO · GESTÃO
RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
Realização: Unimontes, Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Minas Gerais
Apoio: FAPEMIG, FADENOR
ISSN 1806-549 X

Autor(es): ERTZ RAMON TEIXEIRA CAMPOS, HUMBERTO GABRIEL RODRIGUES, FRANCISCO MALTA DE OLIVEIRA, CLEWTON LAÉRCIO SOUZA DE OLIVEIRA

AVALIAÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA: UM ESTUDO ENTRE ESCOLARES

Introdução

Desde a Antiguidade, o trabalho de campo sempre teve grande importância no ensino de Geografia e, é, por nós, conhecida desde Heródoto e Estrabão. Naquela época, as viagens eram conhecidas como sendo o principal método para o desenvolvimento da superfície terrestre a respeito de outros espaços geográficos, pois, quem explorava essas viagens passavam a dominar os interesses econômicos quanto aos planos de conquistas e colonização. Assim, ao tratarmos do trabalho de campo na Geografia, faz-se mister retornar aos tempos antigos, quando o homem ainda se organizava em grupos e se deslocava em busca de sua sobrevivência e defesa, adquirindo, através dessa mobilização, uma série de informações.

Na Geografia tradicional, o trabalho de campo norteava-se na observação e na definição dos elementos contidos nas paisagens, o que decorria de uma prática de ensino meramente descritiva do espaço geográfico. Estudar Geografia reduzia-se apenas a ter ou desenvolver memórias admiráveis, capazes de guardar grande número de informações, pois o que interessava era a descrição dos diferentes lugares da superfície terrestre, ou seja, decorar nomes de países, estados e cidades, atribuindo a cada lugar um tipo de clima, entre outros (THOMAZ JR *apud* NUNES 2000).

Porquanto, na Geografia Crítica, enfatizou-se a importância do trabalho de campo para que fosse possível propiciar ao aluno um interesse pela disciplina e pelo lugar em que o mesmo vive, além de um melhor entrosamento com o espaço. Vale ressaltar que o trabalho de campo se baseava também na observação, permitindo aos alunos um olhar especialmente sensível sobre os elementos da paisagem, aguçando um senso crítico e investigador sobre o espaço. SILVA e MELO (2008).

Desse modo, pensa-se em trabalho de campo como a uma prática de ensino que contém todos os pré-requisitos fundamentais desse novo processo de ensino-aprendizagem, uma vez que este faz interagir educando e professores da disciplina de Geografia com outras áreas afins. Afinal, o que seria o Trabalho de Campo? De acordo com Nunes (2000: 95-99), “o Trabalho de Campo é uma alternativa para exercitar a leitura da realidade contribuindo para a compreensão desta. (...) envolve também um planejamento (projeto) e exploração de resultados”.

Nessa perspectiva, o trabalho de campo não deve ser avaliado como uma perda de tempo, mas sim, como uma condição na qual o aluno é visto como agente ativo no processo ensino-aprendizagem, estreitando a relação aluno-professor, ou seja, é uma oportunidade de trabalhar conteúdos universais e específicos, usando um instrumento que detém a atenção do aluno, além de ser uma forma de levar a uma modificação de atitude do educando (PONTUSCHKA, PAGANELLI & CACETE, 2007).

.

Material e métodos

O presente trabalho foi realizado na Escola Estadual Dom Aristides Porto, localizada no bairro Morrinhos, região central do município de Montes Claros, Norte de Minas, Latitude sul: 16° 43’ 41”; longitude oeste: 43° 52’ 54”, altitude: 638m. O município está inserido na área mineira do polígono da seca ou RMNE (Região Mineira do Nordeste).

O presente estudo refere-se a uma pesquisa de levantamento, com caráter quantitativo-descritivo, de delineamento transversal, com abordagem exploratória, realizada nos meses de outubro e novembro de 2014.

Resultados e discussão

O universo da pesquisa foi constituído por 29 alunos do primeiro ano do ensino médio frequentes à escola nos meses da pesquisa. Os critérios de inclusão eram: ser discente regularmente matriculado na escola estadual Dom Aristides Porto e ser encontrado em sala de aula no momento da pesquisa. Já os critérios de exclusão eram: não estar matriculado na referida escola, recusar a participar da pesquisa e não ser encontrado no local, no momento da realização da pesquisa.

ISSN 1806-549 X

Os discentes foram informados sobre a pesquisa, sendo solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos seus pais. Aos 29 alunos, foram ministradas aulas teóricas referentes à vegetação, clima e solo do Cerrado e Caatinga e da região ecótone do Norte de Minas.

Posteriormente, foram selecionados, aleatoriamente, 12 escolares, a fim de esses responderem ao questionário constituído por 10 questões objetivas que contemplassem os temas estudados consoantes às provas utilizadas no PAES (Programa de Avaliação Seriada para Acesso ao Ensino Superior) e do vestibular Tradicional da UNIMONTES - Universidade Estadual de Montes Claros. Esse grupo constituirá o grupo controle de nossa pesquisa.

Em um segundo momento, foi realizado um trabalho de campo na OVIVE (Organização Vida Verde), localizada no município de Montes Claros - Minas Gerais, com todos os 29 educandos do primeiro ano do ensino médio. Nessa ocasião, foram ministradas aulas de campo pela bióloga Larissa Maia Marinho e pelo ambientalista e presidente da ONG Soter Magno Carmo. A aula de campo foi constituída por caminhadas pelos perímetros da ONG e parque Sapucaia, localizados na Serra do Mel, mostrando aos 29 educandos a vegetação e solos característicos da região e explanação sobre o clima e desequilíbrios ambientais causados pelas ações dos fatores naturais e antrópicas como queimadas e desmatamento.

Posteriormente, foram selecionados, aleatoriamente, 10 escolares para responderem ao mesmo questionário constituído por 10 questões objetivas. Esses estudantes não haviam respondido ao questionário no primeiro momento da pesquisa, ou seja, após o término da aula teórica e, portanto, esse grupo constituirá o grupo teste de nossa pesquisa.

Ao fim das atividades teóricas e de campo, foram recolhidos dos alunos um relatório analítico das aulas realizadas durante a pesquisa.

Nossas pesquisas mostram que houve diferença significativa entre o grupo controle (Grupo formado por alunos que foram submetidos à avaliação, após participarem somente das aulas teóricas) e o grupo teste (grupo formado por alunos que foram submetidos à avaliação após participarem das aulas teóricas e do trabalho de campo). O grupo controle acertou, em média, 43,3% da avaliação, enquanto o grupo teste ultrapassou a média de 84% de acerto das questões.

Quando comparados os gêneros, não se percebeu diferença significativa em nenhum dos grupos avaliados. Entre os alunos pertencentes aos grupos controles houve uma média de 42,5 % para ambos os gêneros. Já no grupo teste, houve uma diferença não significativa entre os gêneros. O gênero masculino apresentou uma média de 80% de acertos da avaliação, porquanto, o feminino teve uma média de 86% de acertos.

Quando comparados a percentagens de acerto de cada questão utilizada na avaliação, percebeu-se que as questões 1, 3, 9 e 10 obtiveram, respectivamente, maiores discrepâncias entre os alunos do grupo controle e teste.

A partir da análise dos relatórios entregues posteriormente às atividades teóricas e de campo, percebeu-se de forma, através dos textos, satisfação e conscientização dos alunos. O quadro abaixo mostra 04 frases que mais se destacaram e que, em essência, se repetiram nos relatórios.

Conclusão/Conclusões/Considerações finais

Através de nossos estudos com escolares do primeiro ano do ensino médio de uma escola pública da cidade de Montes Claros/MG, percebe-se que a utilização do trabalho de campo como uma prática no processo ensino-aprendizagem é uma ferramenta que promove a construção do conhecimento das ciências geográficas.

O Trabalho de Campo aumentou, consideravelmente, o rendimento dos alunos em provas de vestibulares e foi visto como um forte aliado na compreensão dessa disciplina. Acreditamos que a aprendizagem, a partir do contato visual do solo, vegetação e outros elementos naturais, favoreceram a resolução desse tipo de questão, pois, o aluno se depara com diversas situações vivenciadas no seu cotidiano; porém, pouco entendidas e exploradas didaticamente.

Desse modo, o presente estudo mostrou uma maneira de o docente sair de uma metodologia tradicional e tornar o processo ensino-aprendizagem mais dinâmico e atrativo aos discentes. Portanto, é de extrema relevância que as entidades públicas e instituições de ensino invistam nessa prática de ensino, uma vez que o trabalho de campo mostra ser uma atividade eficaz e deveria ser sempre utilizado como recurso didático.

Referências bibliográficas

NUNES, Flaviana Gasparotti. Do abstrato ao concreto: trabalho de campo – reflexões iniciais. **Formação**. N. 7. p 95-99. 2000.

PONTUSCHKA, N. Nacib; PAGANELLI, T. Iyda; CACETE, N. Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 1ª. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007. v. 1000. 383 p.

SILVA, Elcione Maria da; MELO, Adriany de Ávila. **Caminhos de Geografia Uberlândia**, v.9, n. 25 Mar/2008. p. 87-95.

10º FEPEG FÓRUM ENSINO • PESQUISA EXTENSÃO • GESTÃO

RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Realização: Unimontes, Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Minas Gerais

Apoio: FAPEMIG, FADENOR

ISSN 1806-549 X

ISSN 1806-549 X

Tabela 1. Médias da produtividade de grãos (g/2m^2) e das notas atribuídas ao porte e ao tipo de grão das quatorze famílias e das duas testemunhas avaliadas na geração $S_{0:5}$ do primeiro ciclo de seleção recorrente (C_0).

Genótipos	Produtividade	Porte	Grão
1 x 3 – 120	229	2,0	1,8
2 x 6 – 162	267	1,3	2,2
3 x 8 – 133	410	1,3	1,8
4 x 9 – 81	255	1,8	2,2
4 x 9 – 82	237	2,0	2,2
5 x 10 – 42	367	1,7	2,5
8 x 9 – 100	351	1,8	2,3
8 x 9 – 101	333	1,3	2,0
8 x 9 – 107	216	1,8	2,0
8 x 9 – 108	272	2,0	2,2
8 x 9 – 111	283	1,7	2,0
8 x 9 – 93	255	1,2	2,7
8 x 9 – 94	344	2,2	2,3
8 x 9 – 99	330	1,7	2,7
CNFC 9455	346	1,0	2,0
CNFC 9471	276	1,0	2,7
Média das Famílias	296	1,7	2,2
Média das Testemunhas	311	1,0	2,3

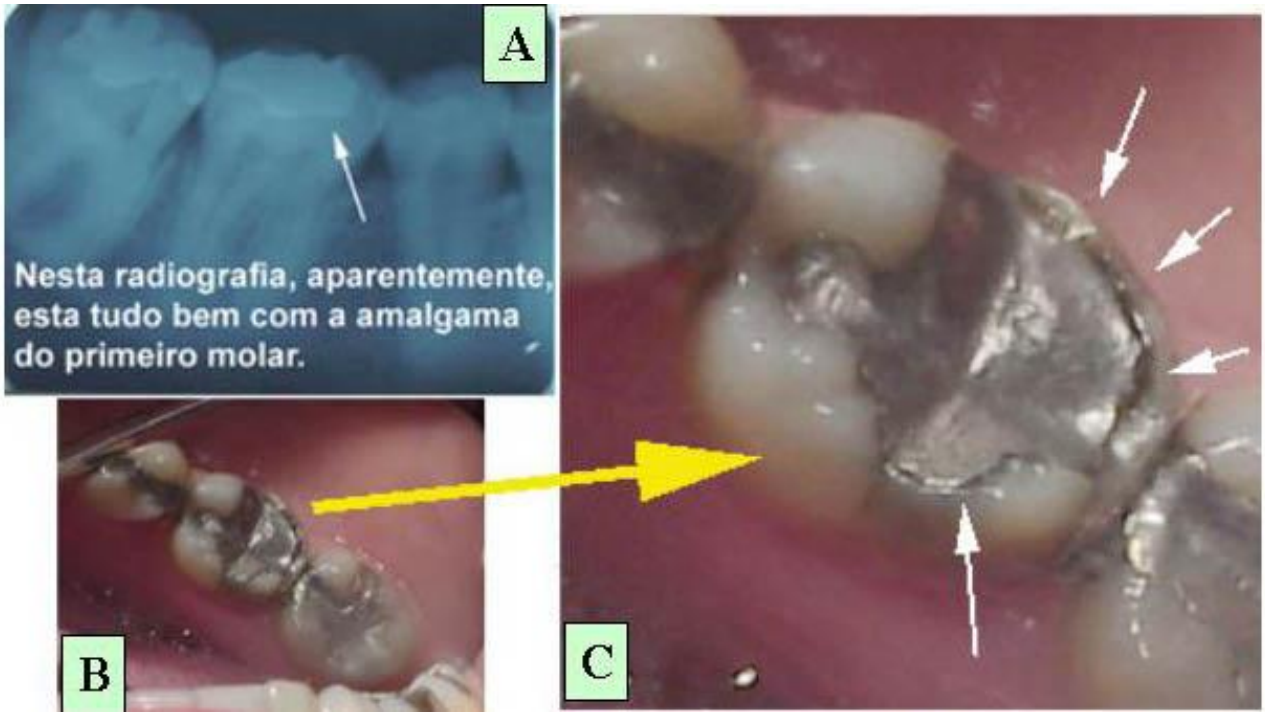

Figura 1. Use "Figura" (seguido do número da figura, ambos em negrito) no início da legenda (não abrevie). Não use abreviaturas, escalas ou sinais (setas, asteriscos) sobre as figuras como "caixas de texto" do Word. Todos estes elementos devem fazer parte da própria figura (use o seu editor de imagens para isso). Não use borda ao redor das figuras. Valores das escalas, se não indicadas na própria figura, devem aparecer desta forma: Fig. 1A, 30mm; Fig. 1B, 40mm; Fig. 1C, 50nm;